

19-10-2023

Diálogos internos em ideias ... de Krenak (II)

AMIZADES de janela

Adelany França

[Mestranda Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Fiocruz]

Agora decido, e é SIM. Resolvi. Vou falar um pouco aqui, do meu daqui pra li e de lá pra cá, não sei no que vai dar, mas o balançar da rede sempre encanta a minha criança, essa que anda comigo me alegrando pelo caminho, olhando pela janela, seja aqui ou ali. Sempre gostei de ir e vir, desde bem pequena já tinha um espírito aventureiro e desbravador, saía às vezes de repente de São Luís para Belém com meu paidrasto, minha mãe e meu irmão mais novo, para passeios de final de semana. Na corrida, tipo um bate e volta, que era só ele adentrar em casa na sexta, tipo 16h e já estávamos na estrada para atravessar o Maranhão e chegar no Pará. Eu ficava só alegria, ia comer sanduíches, olhar bolinhas das torres de alta tensão nas estradas, e fazer as mesmas perguntas depois de ter tirado um belo cochilo, assim que entrava no carro. Era interessante porque contemplava o silêncio que fazia no muito barulho do carro, às vezes um fusquinha branco, outras vezes um amarelo. Quando eu estava acordada ao estardalhaço amava contemplar a paisagem rural, e quando parávamos nos postos de revenda de combustíveis que tinha caminhão, queria aprender a dirigir aqueles grandalhões, aqueles carros gigantes. A diversão quando chegávamos em Belém era que eu ia tomar sorvete de tapioca quando terminava o almoço. Na maior parte das vezes não tinha crianças da minha idade, só da idade do meu irmão mais novo, com 8 anos de diferença para mim, então buscava me alegrar com o que eu encontrava pelo caminho. E assim fui continuando meu ir e vir, o tempo foi passando e continuamos no ir e vir. Passado o tempo, seguimos para Fortaleza, com meu irmão mais novo, eu já adolescente, achava o máximo aprender a seguir o gerenciar das rotas e chegar aos lugares sem perguntar para as pessoas. O meu gosto pela observação e contemplação era uma intriga em mim, queria ser o meu próprio radar, e naquela época não tinha Google, conduzida por uma vez e já apreendida de espaços urbanos, aprofundar-me nesses espaços da cidade era uma espécie de mágica, transformava em real o que eu contemplava quando acordava para ver a cidade da janela, primeiro via sempre da janela. A paisagem sempre me encantou e fitava o olhar ao horizonte, muitas vezes sonhava ali mesmo, acordada. Mas de um modo geral eu ficava nas perguntas e de olhos bem abertos. Passa ônibus? Tem muita moto? Tem pessoas andando? Estão de bicicleta? A *bike* tem garupa ou cestinha? E aquelas de corrida, vai passar alguma por aqui, hoje? Quem são as pessoas das bicicletas? Param, lancham? Bebem água? Passa caminhão? Fazia tantas perguntas que nem sei de que lugar tirava. Enquanto isso, ficava vendo se alguém surgia da esquina acompanhado, e se vinha sozinho, ficava pensando e sentindo! O que será que a expressão da pessoa vai me contar, ela está pensativa, alegre, acabrunhada? E tantas outras sensações que eu sentia com aquela gente, amiga de janela. Será que está com pressa?

Uma pessoa adulta passou com uma criança, vai deixá-la na escola, ou será que vai ao médico, será filha(o), neta(o)? E depois, aquela amiga de janela, será que segue para o trabalho? Era um pensamento muito veloz, não sei como eu conseguia sentir as pessoas ali, meu corpo se alegrava e se entristecia ao passar o desfile de vidas, igual aos bloquinhos de carnaval que via da janela da casa da minha vovó, em uma grande avenida da ilha de São Luís, agora sei que aquela avenida não era tão grande assim, hoje passo por ela e sinto falta daquela enormidade que contemplava da janela. A primeira vez que tive contato com uma mobilização por direitos foi exatamente ali, naquela pequena janela com uma enorme grade, ficava com meus cinco anos em pé no sofá da sala de olho em tudo que passava na janela. E o dia de uma greve por meia passagem no transporte público com diversos estudantes não consegui ver solidão aos passar dos amigos que considerava como meus também. Eram fortes, e o som deles juntos era muito potente, e eu consegui sentir os seus passos no chão, foi um monte de gente junta, e sinto que aquele dia foi um dos dias mais especiais para mim. Eram já maiores que eu, mas parecia que estava com eles na manifestação. Até ali, não sabia o que falavam, era a fotografia de vários flashes que eu fazia. Ficava maravilhada de fotografar sem máquina da janela que eu estava todos os dias ao amanhecer e ao entardecer. E no dia seguinte, acordada, fazia a mesma coisa para ver se eu já tinha uma amizade, quem passasse repetido já era um(a) amigo(a), só ainda não sabia o nome, mas já conhecia a bicicleta e o horário que passava para ir em algum lugar. Quando eu ia tomar café já estava conversada com meus amigos, quando eu saía para conhecer as ruas, ia nas mesmas e tinha que ir em uma nova rota a cada passeio para aumentar a minha cidade observada e vivida, era uma grande aventura investigativa, sentia uma alegria na coragem que se fazia em mim. Eu via um arco-íris de gente, amava ver como tínhamos diferenças dentro de um monte de coisas iguais, muitas vezes ficava contando quantas pessoas usavam óculos, ou vestia uma cor específica, em geral a minha cor preferida desde a infância. O mais interessante é que eu sentia aquelas pessoas e parecia que eu as ouvia, mesmo que elas apenas desfilassem na cidade para mim, e tudo era tão lindo. A conexão com as pessoas que passavam fazia uma dança ao meu sentir, era um ritmo sem ritmo e uma banda inteira em sintonia, era uma espécie de meditação hipnótica que transformava meu dia e o meu ser, eu sorria aparentemente sozinha, mas estava rodeada de amigas(os) que ainda não sabiam que eram também meus. O ir e vir das(os) amigas(os) de janela que eu via era uma grande rede em conexão, aquela de fios invisíveis, como o contemplar do desfile de vidas ao meu olhar, um brilho de existência. Hoje continuo a contemplar, agora as pessoas estão muito próximas, tem vezes que passam ao meu lado, é a minha vida na rua, na avenida, na ponte, no ar, dentro de um ônibus, de um carro, de um avião, sempre de janela e pode ser em qualquer lugar, sinto-me livre, eu não sei explicar, e até se for da janela de casa também consigo viajar. Tempos recentes em conversa com mamãe, descobri que ela também amava ficar na janela de sua casa e na casa de sua madrinha quando ia passar o domingo por lá. Agora bateu uma curiosidade, será que mamãe também fazia amizades, como eu? Vou perguntar. ■ ■ ■

Referência: Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2019.

Nota: GE – Grupo de Estudos Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.